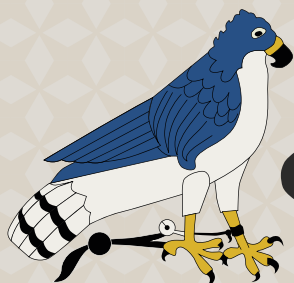
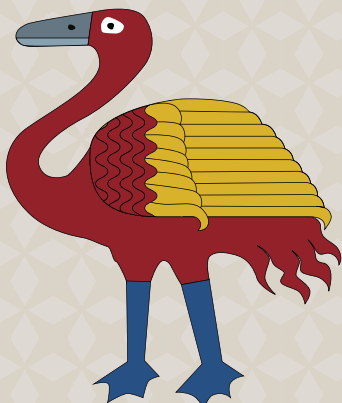
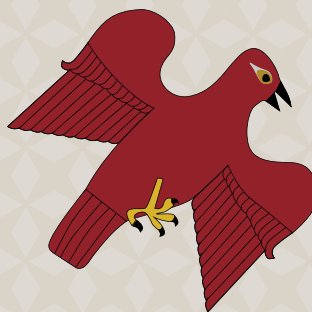
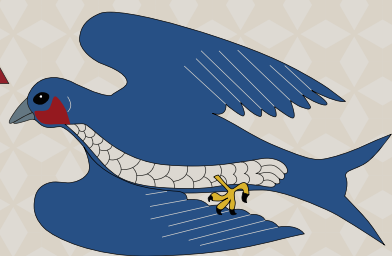
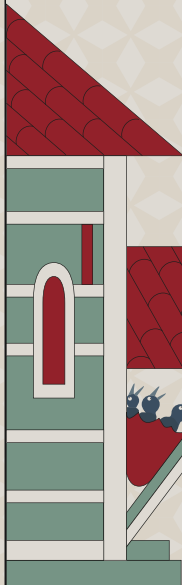
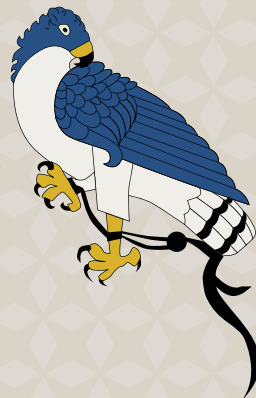


# Vidas Manuscritas



Os pergaminhos  
medievais  
da UnB  
em exposição



# Vidas Manuscritas

Os pergaminhos  
medievais  
da UnB  
em exposição



**Autores** Maria Filomena Coelho, Rozana Reigota Naves e Matheus Silveira Furtado

**Organizadores** Maria Filomena Coelho e Matheus Silveira Furtado

**Título** Vidas Manuscritas: os pergaminhos medievais da UnB em exposição

**Coleção** Coleção Medioevum

**Local** Brasília

**Editor** Selo Caliandra

**Ano** 2024

**Parecerista** Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Sales

**Capa e editoração** Isabela Lima Alves

**Revisora** Maria Filomena Coelho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

V649 Vidas manuscritas [recurso eletrônico] : os pergaminhos medievais da UnB em exposição / organizadores: Maria Filomena Coelho, Rozana Reigota Naves, Matheus Silveira Furtado. - Brasília : Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, 2024.  
68" p. : il. - (Medioevum).  
  
Inclui bibliografia.  
Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://caliandra.ich.unb.br/>>.  
ISBN 978-85-93776-07-6.  
  
1. Manuscritos medievais. 2. Pergaminhos. I. Coelho, Maria Filomena (org.). II. Naves, Rozana Reigota Naves (org.). III. Furtado, Matheus Silveira (org.). IV. Série.  
CDU 091

Heloiza dos Santos - CRB 1/1913

Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Campus Darcy Ribeiro, ICC Norte, Bloco B, Mezanino,

CEP: 70.910-900 — Asa Norte, Brasília, DF

**Contato** 61 3107-7371

**Website** [caliandra.ich.unb.br](http://caliandra.ich.unb.br)

**E-mail** [caliandra@unb.br](mailto:caliandra@unb.br)

## SELO CALIANDRA

### Conselho Editorial

#### Membros internos:

**Presidente** Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho (HIS/UnB)

Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza (FIL/UnB)

Profa Dra Maria Lucia Lopes da Silva (SER/UnB)

Profa. Dra. Ruth Elias de Paula Laranja (GEA)

#### Membros externos:

Profa Dra Ângela Santana do Amaral (UFPE)

Prof. Dr. Fernando Quiles García (Universidad Pablo de Olavide — Espanha);

Profa Dra Ilía Alvarado-Sizzo (Universidad Autonoma de México)

Profa Dra Joana Maria Pedro (UFSC)

Profa Dra Marine Pereira (UFABC)

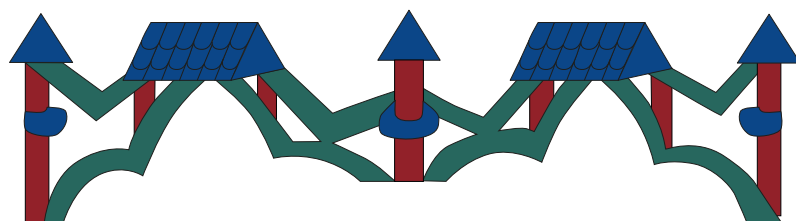
Profa Dra Paula Vidal Molina (Universidad de Chile)

Prof. Dr. Peter Dews (University of Essex — Reino Unido)

Prof. Dr. Ricardo Nogueira (UFAM)

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)

A total responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra pertence ao autor.



# SUMÁRIO

## Apresentação

Maria Filomena Coelho  
Rozana Reigota Naves  
Matheus Silveira Furtado

### Parte I

#### A exposição *Vidas Manuscritas*: da concepção à execução

**1** Idealizando a exposição *Vidas Manuscritas*:  
relato curatorial  10  
Matheus Silveira Furtado

**2** Tipografia e imagética: a identidade visual da exposição  
*Vidas Manuscritas*  33  
Isabela Lima Alves

**3** Exposição *Vidas Manuscritas*: uma jornada expográfica de  
colaboração e experiência  51  
Gracy Lima de Oliveira

**4** *Condition Report* da exposição *Vidas Manuscritas*:  
uma experiência de preservação  62  
Ana Rita Oliveira de Souza

Parte II  
O público e a experiência da mediação educativa

**5** Estudo de público da exposição *Vidas Manuscritas* 75  
Elmiza Nogueira Pires e Luc Farias Uchôa

**6** Da sala de aula à comunidade: uma experiência com os manuscritos medievais da UnB 86  
Lucas Cavalcante e Valentina Andrade

**7** *Vidas Manuscritas*: o processo de mediação na perspectiva da História 101  
Daniel Borges da Fonseca

**8** *Flos Visitationum*: uma análise das narrativas do público no *Rolo de Vidas* 110  
Lara Beatriz Martins

Parte III  
Interfaces entre a História e a Linguística nos manuscritos medievais da UnB


**9** *Flos Sanctorum*: atos e consequências 121  
Luana Salazar Magalhães

**10** Expressões do feminino no manuscrito *Flos Sanctorum* 133  
Júlia Carvalho Caldas e João Fellipe Jonas da Silva

**11** Modelos político-religiosos medievais nos *Diálogos de São Gregório* 144  
Karina Cristina de Almeida Nicolau

**12** Léxico e semântica nos *Diálogos de São Gregório* 152  
Beatriz Gomes Gaspar e Henrique Lima Vaz

**13** Colocação pronominal nos manuscritos medievais: uma ponte para compreender o português contemporâneo  163  
Giovanna Duran Soares Santos e Giovanna Pedrosa Feitosa

**14** Iluminar o costume: arte e representação nos manuscritos da BCE-UnB  174  
Sammya Rodrigues

**15** Bestas iluminadas: da Bíblia ao *Livro das Aves*  183  
Oliver Figueredo

#### Parte IV

#### Vidas medievalizadas: dos manuscritos ao cinema

**16** *It's just a flesh wound!* Monty Python e os medievalismos do imaginário contemporâneo  198  
Heloísa Helena Santos

**17** *O Sétimo Selo*: a Morte entre o Medievalo e o presente  209  
Albert Prazeres

**18** Dos contos de Chaucer às lentes de Pasolini  218  
Caio Dias

**19** As vidas de Joana d'Arc: figuras históricas e usos do passado  228  
Letícia Amancio

#### Anexos

*Livro das Aves*  237

Vidas fotografadas  246

Ficha técnica da exposição  253

# Parte I

A exposição Vidas Manuscritas:  
da concepção à execução

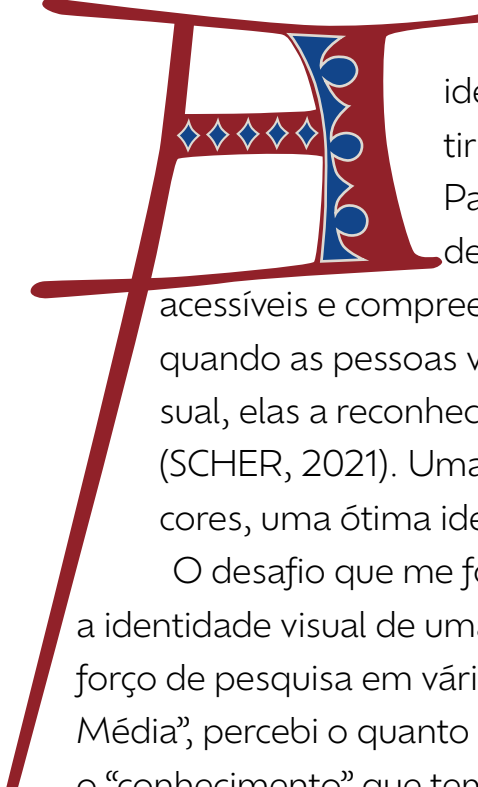
# Capítulo 2

Tipografia e imagética:  
a identidade visual da  
exposição *Vidas Manuscritas*

ISABELA LIMA ALVES\*

\*Designer gráfica, pelo Centro Universitário IESB – DF.  
E-mail: isabela.alves.designer@gmail.com.

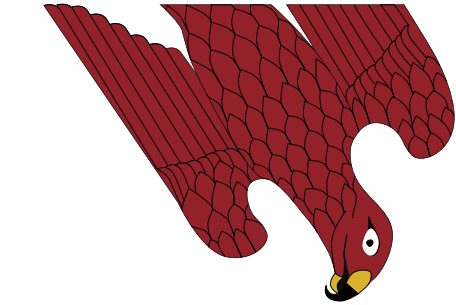




identidade visual é de extrema importância para transmitir ao público a mensagem de uma exposição. Segundo Paula Scher, conhecida especialista nessa matéria, “um designer de identidade é alguém que torna as coisas acessíveis e compreensíveis e, principalmente, reconhecíveis (...). Então, quando as pessoas vêem uma imagem que faz parte de uma identidade visual, elas a reconhecem como um lugar específico que faz coisas específicas” (SCHER, 2021). Uma boa identidade visual pode ser reconhecida por suas cores, uma ótima identidade consegue ser reconhecida pela sua história.

O desafio que me foi proposto, pelo curador, Matheus Furtado, para criar a identidade visual de uma exposição sobre manuscritos medievais, exigiu esforço de pesquisa em várias direções. A começar pela própria ideia de “Idade Média”, percebi o quanto as percepções românticas contemporâneas influenciam o “conhecimento” que temos dessa época. Portanto, os medievalismos se impuseram, logo de início, como ponte para conectar o presente do público com o passado dos manuscritos. Em seguida, mergulhei nas características dos pergaminhos, para decodificar suas linguagens e, com elas, construir a identidade da exposição.

A caligrafia dos manuscritos, à primeira vista, impressiona. Para o leigo, trata-se de um suporte com aparência muito antiga, indecifrável, misteriosa. Assim, esse traço constitui, por si só, forte elemento de identidade a explorar. A análise tipográfica era o caminho. Tipografia, para a designer Ellen Lupton, é uma ferramenta com a qual podemos dar corpo físico à linguagem, dar uma forma concreta ao conteúdo e propiciar o fluxo social de mensagens (LUPTON, 2006). A escrita dos manuscritos medievais da BCE-UnB consegue dizer muito apenas com seu estilo.



O design de tipos diz respeito à criação de um sistema de letras, no qual cada elemento (tipo) é concebido de forma a poder ser reagrupado e reutilizado. Com base nessa observação primária, extraímos dos próprios manuscritos os tipos que compoariam o estilo caligráfico da exposição que, apesar de ser único em sua forma, inseriu-se em um nicho da tipografia que se apropriava da escrita do passado. O processo de transformação de uma escrita em tipografia se define como resgate tipográfico, também entendido como revitalização, revivificação, restauração, recuperação e retocamento. O designer neerlandês, Joep Pohelen, define esse revival como a reinterpretação de um tipo antigo de letra, não necessariamente idêntico ao seu original (POHELEN, 2011).

Outra particularidade dos pergaminhos da BCE-UnB, e, provavelmente, a mais impactante, era a quantidade e a qualidade das iluminuras do Livro das Aves, cuja vivacidade chamou a atenção. Eram dez aves representadas de forma individualizada, mas que, claramente, obedeciam a um determinado estilo. A forte impressão que essas iluminuras provocaram levou-nos a considerá-las, juntamente com a caligrafia, como elementos fundamentais na construção imagética da exposição. Recorrendo, uma vez mais, ao diálogo entre o presente e o passado, tentamos explorar as conexões que se evidenciavam rapidamente ao olhar, quando comparadas as cores e as formas das iluminuras do Livro das Aves com as xilogravuras do Movimento Armorial, de Ariano Suassuna, a mais famosa manifestação dos medievalismos brasileiros.

Os pilares da identidade visual da exposição Vidas Manuscritas seriam, portanto, os tipos caligráficos e as iluminuras dos pergaminhos.

## Sobre a tipografia

O estudo, criação e aplicação de caracteres, estilos, formatos e disposição visual de palavras é o campo da tipografia, constituindo um dos principais elementos da linguagem visual explorados no design gráfico (RUDER, 1977). A tipografia é essencial para a comunicação, pois não se consegue dizer tudo apenas com imagens e símbolos. Para resolver esse problema, existem os designers que criam tipos (tipógrafos) e os designers que usufruem desses tipos para trabalhos de comunicação visual. O tipógrafo aproxima-se mais do trabalho desenvolvido e mostrado aqui, tendo em vista que um profissional leva anos da sua vida para se especializar e tornar-se respeitado e conhecido nessa área de atuação tão nova no Brasil.

O designer britânico, Deyan Sudjic, observa que talvez a comunicação esteja não apenas nos significados formais das palavras escritas com tipos de letras, mas também na maneira pela qual esses próprios tipos são organizados, moldados e desenhados, chamando a atenção para um importante aspecto que vai além do conteúdo literal das próprias palavras (SUDJIC, 2010, p. 37-40). Ou seja, no caso dos manuscritos, os textos reúnem muito mais que apenas palavras. Eles representam, por exemplo, um período na história em que não existia tecnologia para imprimir, mas apenas a habilidade e o talento dos que sabiam escrever e desenhar com penas e tintas. Com a evolução tecnológica, às vezes é difícil valorizar os aspectos estéticos dos escritos do passado de maneira adequada, mas, para o que nos interessava, era fundamental considerar que tudo o que fora escrito desde o início da história seria uma possível tipografia.

Alguns tipógrafos, como afirma Ricardo Esteves Gomes, são movidos por um resgate histórico, outros por uma razão pragmática, outros buscam uma expressão gráfica pessoal específica, entre tantas razões possíveis. Mas independentemente dos motivos, nesses processos geram-se novos insumos que podem ser utilizados por outros designers (GOMES, 2010, p.53). Entretanto, como qualquer produto do trabalho acadêmico, sua utilização requer permissões legais para proteger e reconhecer a autoria.

Apesar da grande liberdade oferecida pelas ferramentas digitais e pelos novos ideais do design, a atividade do designer continua sendo um ofício sistematizado por normas profissionais da classe, padrões técnicos de mercado e leis que regulam a relação de trabalho e a prestação de serviços à sociedade. Por isso, são identificados a seguir alguns métodos, abordagens e conceitos pertinentes à produção de fontes digitais de resgate tipográfico que podem gerar conflitos éticos (LEBEDENCO, 2022).

Mais do que a simples ação de recuperar vivências, a memória é um processo de reconstituição do passado pelo confronto com o presente e pela comparação com outras experiências para elas. Nesse sentido, um resgate tipográfico permite a identificação de uma linguagem em determinado contexto espacial e temporal, o que o torna parte da memória gráfica que engloba a pesquisa histórica, a memória coletiva, a cultura material, visual e da impressão (CARDOSO, 2016, p.75).

Segundo o professor Patrick Gosnell, o desenvolvimento de um resgate tipográfico requer uma pesquisa histórica consistente, proporcionando uma oportunidade gratificante para o crescimento individual. Nela, o designer deve se familiarizar com a investigação de documentos e precisa refletir acerca das fontes de informação consultadas (GOSNELL, 2015). O resgate tipográfico deve apresentar um mínimo de características que o diferenciam de outras práticas concentradas na adaptação ou inspiração de formas do passado. É imprescindível um distanciamento histórico relevante entre a época do original adotado e a época da realização do resgate. As tecnologias de ambos devem se distinguir significativamente, sendo o design original oriundo de uma técnica considerada obsoleta em relação aos padrões técnicos adotados na implementação prática. Deve-se reconhecer que há diferentes possibilidades de interpretação em relação à exatidão quando ao modelo original (LEBEDENCO, 2022).

O tipo, segundo o dicionário Michaelis, é um “objeto ou coisa que serve de modelo ou medida para produzir outro idêntico ou semelhante; exemplar, modelo” (MICHAELIS, 2024). Tal definição esclarece a relação entre tipo e tipografia: o tipo diz respeito a cada caractere do sistema tipográfico. No marco inicial da tipografia, em 1453, Johannes Gutenberg revolucionou a forma de se reproduzirem textos, ao criar a primeira prensa tipográfica que utilizava tipos móveis para reproduzir uma Bíblia, com 42 linhas por página. Cada caractere fundido e utilizado por Gutenberg era um objeto que servia de modelo para produzir outro semelhante: um tipo. Nasce, então, a ideia de sistema na impressão tipográfica, em que toda letra impressa com o mesmo tipo, ou todo texto impresso com o mesmo grupo de tipos, sempre tem o mesmo desenho, o mesmo formato, pois o tipo nada mais é que um modelo de reprodução. A origem etimológica da palavra tipo vem do latim *tipus* e do grego *túpos*, que significam golpe, marca, representação, imagem, caráter, modelo, ou, o sinônimo, fonte (PRIBERAM, 2023).

Ao analisar os manuscritos, foi possível fazer um catálogo com todas as capitulares decoradas, que são as letras iniciais de um parágrafo ou capítulo, graficamente destacadas. Nos manuscritos da BCE-UnB, foram identificadas duas cores em suas formas, o azul e o vermelho, com variações de tonalidade em decorrência da qualidade da tinta e do pergaminho. Quase todas apresentavam decoração em vermelho com diferentes ornamentos adaptados à forma da letra. A maior parte apresentava altura e largura semelhantes, revelando uma tipografia com caracteres coerentes entre si.



Imagem 1 - Inicial P decorada  
Fólios 108v. e 109r. do Flos Sanctorum  
Fonte: Acervo da autora

As letras maiúsculas e minúsculas apresentaram maior desafio, devido às dificuldades paleográficas dessa pesquisadora, levando-nos a escolher as mais legíveis. A maioria continha mais de uma versão que precisava ser incorporada, pela sua importância, na construção das palavras do texto. Sua forma era diferente das capitulares, tanto em tamanho quanto em volume e direção, pois enquanto a capitular tinha mais de um movimento e exigia mais arte, a escrita das minúsculas era mais rápida, e requeria entre dois e três movimentos com a pena. A caligrafia dos manuscritos era gótica redonda librária e sua classificação tipográfica era gótica cursiva. A inclinação do eixo vertical da forma, quando desenhada, era de aproximadamente 45 graus em todos os fólhos.

Desse estudo tipográfico minucioso nasceu a tipografia chamada *gram femença*, como uma reinterpretação digital da escrita nos manuscritos. As palavras "com *gram femença*" foram retiradas do manuscrito *Flos Sanctorum* e constituíram uma expressão que, em português arcaico, significava com grande firmeza, ou seja, com grande fé.



Imagem 2 - Recorte do manuscrito *Flos Sanctorum*

Por ser escrita à mão, cada letra apresentava variações típicas e sutis. Então, apenas para treinar as habilidades e encontrar um formato em outras fontes existentes no programa Adobe, transformamos cada foto tirada dos textos em um vetor específico.

Uma imagem vetorial, também chamada de desenho vetorial, foi gerada a partir do cálculo matemático de formas geométricas, composta por curvas, elipses, polígonos, textos etc. A imagem vetorial é geralmente utilizada para a confecção de logotipos ou de ilustrações em alta definição. Dessa forma, o logotipo da exposição foi criado juntamente com a tipografia e demais títulos e, por ser um vetor, conseguimos um resultado de boa qualidade.

Depois de juntar todas as informações necessárias, criamos algumas versões em estilos diferentes para descobrir a direção a seguir e definir uma opção de logotipo. Separamos uma capitular extremamente detalhada, com ornamentos em vermelho, e outras mais simples com fontes do programa Adobe. Ela podia ser mais do mesmo, ou algo original, mas demorou um tempo para percebermos o que tínhamos conseguido. Quando apresentamos a proposta, ela parecia ora exagerada, ora acanhada, com pouca chance de funcionar. Enfim, chegamos a uma solução ideal, depois de algumas reuniões com o curador. A seguir, encontram-se exemplos de algumas das etapas de criação, bem como do logotipo finalizado.



Imagem 3 – Etapas da criação e logotipo finalizado  
Fonte: acervo da autora



Depois de decididas as cores, a logo era o seguinte desafio. Escolheríamos uma das espécies do *Livro das Aves* para ser nossa imagem principal e acabamos por escolher o pavão. E, analisando as letras encontradas nos manuscritos, foi possível imaginar como seria a letra M maiúscula. A união da letra com a imagem era inevitável.



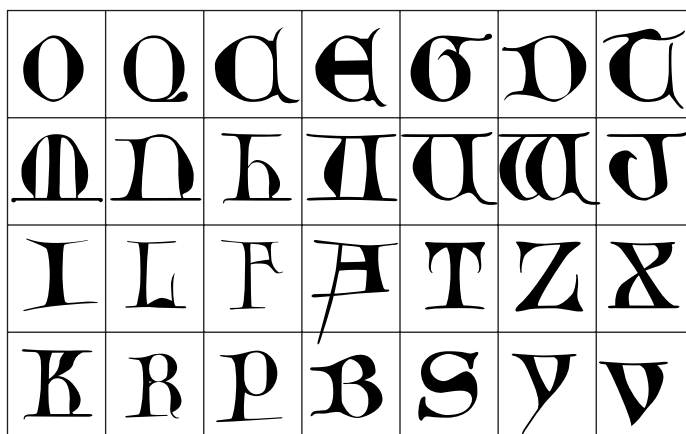
Imagem 4 - Processo de criação da logo  
Fonte: acervo da autora

Segue-se um quadro comparativo da tipografia criada para a exposição *Vidas Manuscritas*, com as capitulares e letras maiúsculas e minúsculas dos manuscritos medievais da UnB: *Diálogos de São Gregório*, *Livro das Aves* e *Flos Sanctorum*.





Capitulares retiradas dos manuscritos originais da UnB  
Alguns tipos foram adicionados apenas como referência



Tipos criados a partir das capitulares na imagem à esquerda



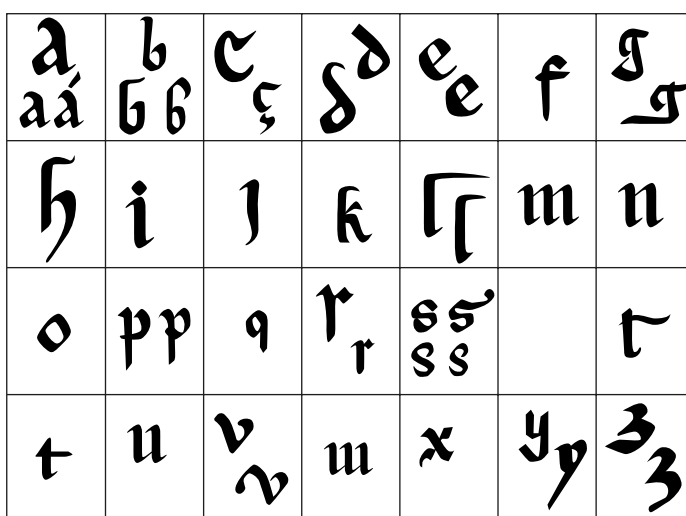
Todas as letras de caixa alta encontradas dos manuscritos originais da UnB



Tipos criados a partir das capitulares na imagem à esquerda



Todas as letras de caixa baixa encontradas dos manuscritos originais da UnB



Tipos criados a partir das capitulares na imagem à esquerda

Imagem 5 – Capitulares e alfabeto criados para a exposição  
Fonte: acervo da autora



Imagem 6 - Aplicação das filigranas vermelhas contidas em algumas capitulares dos manuscritos  
Fonte: acervo da autora



Imagem 7 - Aplicação da tipografia nos títulos dos manuscritos para a exposição  
Fonte: acervo da autora

## Sobre a imagética

Como referido, o manuscrito que continha mais iluminuras pictóricas era o Livro das Aves, o qual nos serviu como referência para desenvolver a identidade visual. Escolhemos seis aves: pavão, águia, noitibó, cegonha, açor e ema. As cores foram selecionadas a partir de uma aproximação às das iluminuras, embora sem a pretensão de atingir 100% de fidelidade, devido ao estilo e às condições de cada uma. Recorremos ao aplicativo Illustrator, uma ferramenta que possibilitou chegar ao seguinte resultado:



Imagem 8 – Resultado da aplicação do Illustrator para a criação da imagética da exposição  
Fonte: acervo da autora



Note-se que o resultado final evocava, propositadamente, uma estética muito próxima à do Movimento Armorial. Como explicamos anteriormente, tal associação permitiu chamar a atenção para o diálogo entre o presente e o passado, ou seja, para as releituras e apropriações que os medievalismos fazem da Idade Média.

Com relação às cores, foi necessário um profundo estudo até chegar a um consenso sobre as mais apropriadas. A seleção foi delicada e exigiu a realização de muitos testes. Com exceção da cor roxa, as tonalidades das tintas usadas nos manuscritos se assemelhavam às escolhidas para a arte visual da exposição.



Imagem 9 – Paleta. Iluminuras, ilustrações, capitulares e texto



O roxo foi selecionado como cor forte da identidade visual da exposição.



O azul era predominante. Em alguns casos representava a noite e era a cor frequentemente escolhida para as letras capitulares. Sua qualidade notável sugeria ter se usado o precioso lápis-lázuli em sua composição.



O tom amarelado que se observava atualmente nos manuscritos era, provavelmente, resultado da transformação que outras cores sofreram ao longo do tempo.



O vermelho estava presente nos três manuscritos. Ele adquiria várias nuances: era mais escuro nas aves e mais claro nas iluminuras, capitulares, texto e correções.

Finalmente, nos cartazes produzidos para a exposição, bem como no *folder*, marca-páginas, cartões postais, crachás, camisetas, canecas e lápis, era possível observar a fusão da tipografia com a imagética, criando, em unísono, a identidade visual do projeto *Vidas Manuscritas*.



Imagem 10 – Cartazes  
Fonte: acervo da autora



Imagem 11 - Folder  
Fonte: acervo da autora



Imagem 12 - Marca-páginas (frente e verso)  
 Fonte: acervo da autora



Imagem 13 - Cartões postais (frente e verso)  
 Fonte: acervo da autora





Imagem 14 - Camisetas, crachã, folder e lápis  
 Fonte: acervo da autora



Imagem 15 - Canecas  
 Fonte: acervo da autora



## Conclusão

A identidade visual mostrou-se um instrumento muito importante para eficácia da mensagem que a exposição queria transmitir ao público visitante. A linguagem visual, difundida pelos meios digitais, era facilmente identificada, gerando uma resposta positiva de adesão ao projeto e de engajamento nas atividades educativas propostas. A força da identidade visual Vidas Manuscritas certamente constitui um elemento importante para facilitar o *recall* do público para iniciativas futuras que envolvam os manuscritos da BCE-UnB.

Por último, uma nota pessoal. Este projeto foi de grande importância para a nossa experiência profissional, na medida em que, no início da carreira, pudemos enfrentar o desafio de fundir linguagens e temporalidades tão distantes, por meio do design gráfico. Ao estudar os manuscritos, identificamos a tipografia como um campo de estudo próprio para a identidade visual da exposição. E a tipografia *gram femença*, criada com intuito acadêmico, agora faz parte da trajetória desses manuscritos.



# Referências

**DIAS**, Ricardo. Vetor ou Bitmap. In: *Medium*. 2019

Disponível em: <https://medium.com/cgnow/vetor-ou-bitmap-d23bfc4423e5>

Acesso em: 18 jan 2024.

**DICIONÁRIO** *Michaelis*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1950.

Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/TIPO/> Acesso em: 18 jan 2024.

**DICIONÁRIO** *Priberam da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/chave> Acesso em: 18 jan 2024.

**GOMES**, Ricardo Esteves. *O design brasileiro de tipos digitais: elementos que se articulam na formação de uma prática profissional*. 2010. 211 f. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

**LEBEDENCO**, Érico. *Resgate Tipográfico: delimitações, características e prática no design de tipos - Análise e produção de fontes digitais inspiradas no passado*. São Paulo: Blusher, 2022.

**LUPTON**, Ellen. *Pensar com tipos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

Disponível em: <https://editorialgg.com/pensar-com-tipos-ellen-lupton-livro.html>

Acesso em: 18 jan 2023.

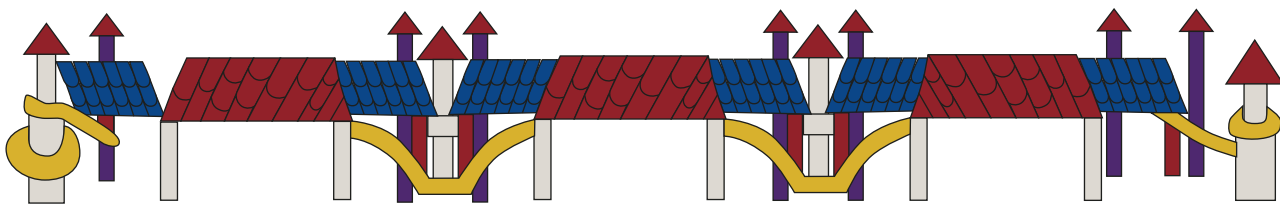
**SCHER**, Paula. *Podcast Capacity Interactive*. Episódio 14, Agosto 2017.

Disponível em: <https://ideas.capacityinteractive.com/ci-to-eye-podcast-episodes/cultural-identify-branding-legend-paula-scher> Acesso em: 3 jan 2024.

**WOLOSZYN**, Maía; **LICHT**, Marcele C.; **GONÇALVES**, Berenice S. A tipografia no contexto do livro digital informativo: análise de um exemplo. In: *12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*, 2016. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/311460266\\_A\\_TIPOGRAFIA\\_NO\\_CONTEXTO\\_DO\\_LIVRO\\_DIGITAL\\_INFORMATIVO\\_ANALISE\\_DE\\_UM\\_EXEMPLO](https://www.researchgate.net/publication/311460266_A_TIPOGRAFIA_NO_CONTEXTO_DO_LIVRO_DIGITAL_INFORMATIVO_ANALISE_DE_UM_EXEMPLO).

Acesso em: 3 jan 2024.



# Libro das Aves

REGISTRO FOTOGRÁFICO



# Tratados do Açor





# Tratado da Cegonha



# Tratado do Noitibó

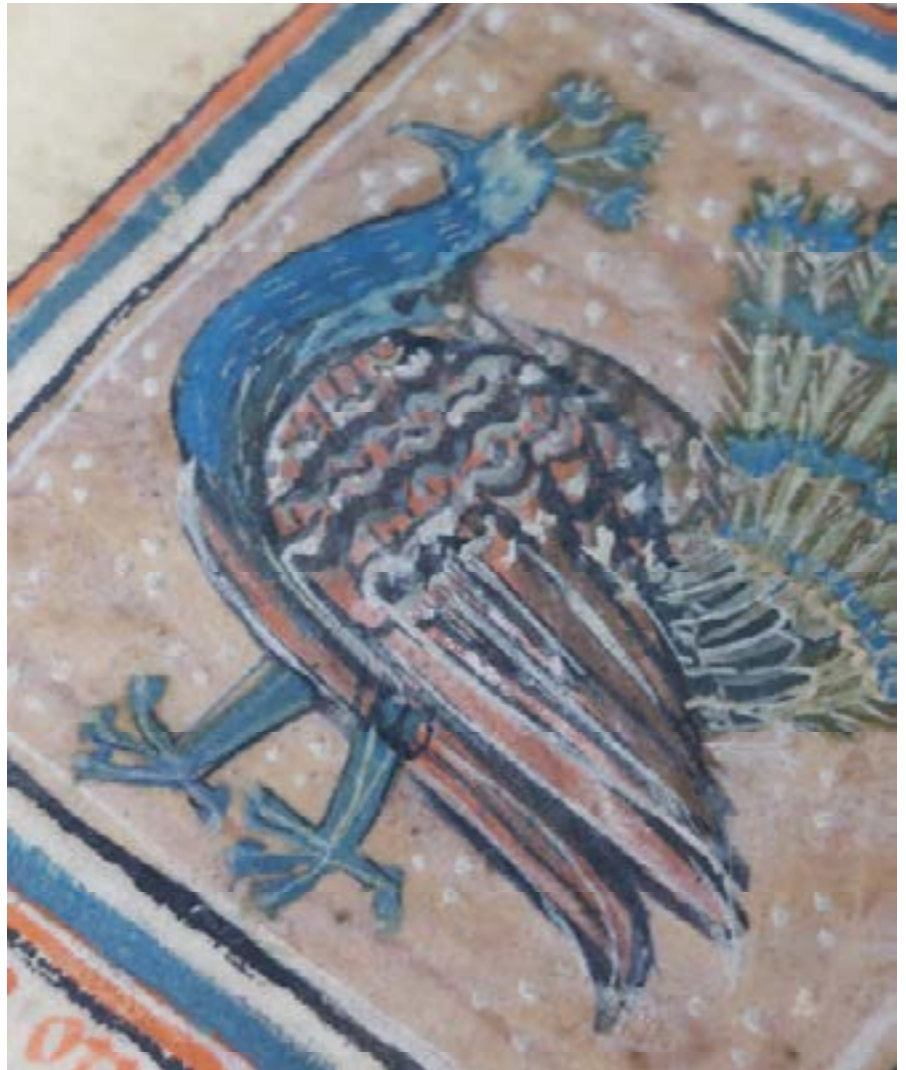




## Tratado da Ema



## Tratado do Pavão





## Tratado da Águia



## Tratado da Andorinha



## Tratado da Tortor/Rola





# Ezequiel

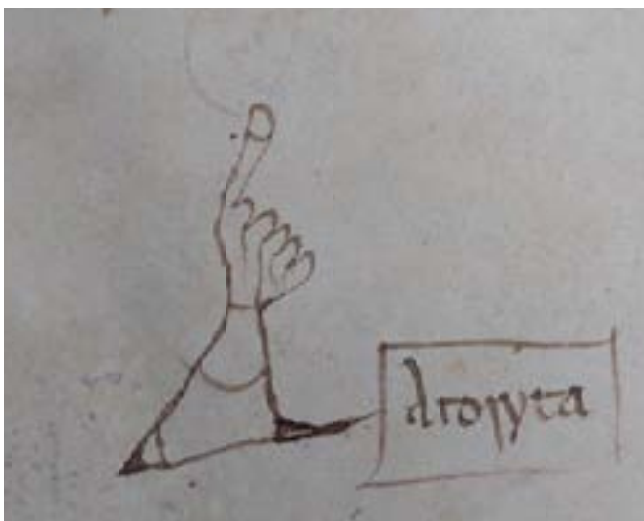
... de  
... dece  
... tenha.  
... q' falg  
... to am

confas q' uio de q' auian de puaq.  
**De como ezechiel o profeta pos aas  
quatro euangelistas a cada hua sa  
semelhanca:.**





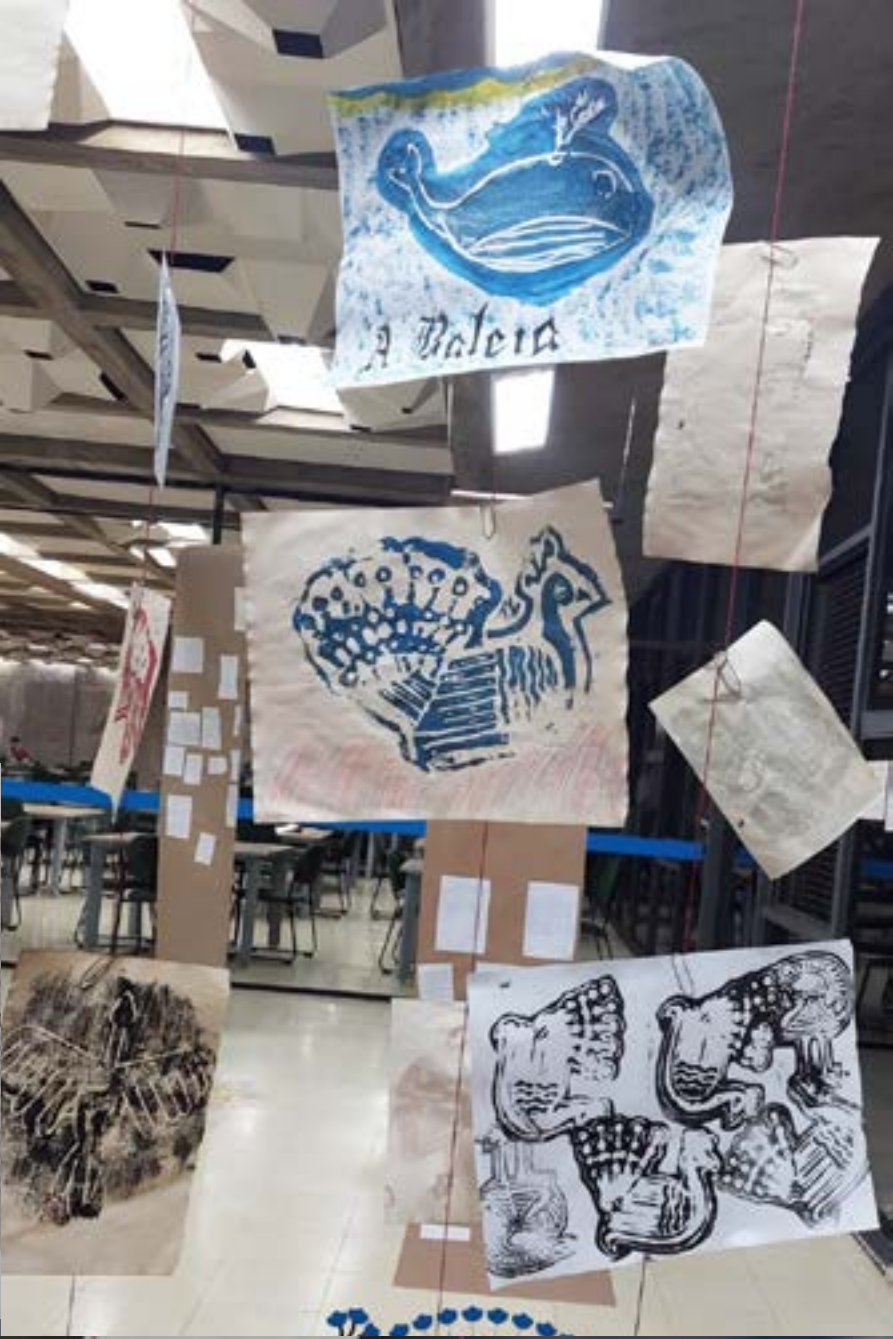




# Vidas Fotografadas







**Histórias dos  
Diálogos de  
São Gregório**

Os textos dos Diálogos de Gregório são uma obra de grande importância para o conhecimento da cultura e da história da Igreja Católica. Este livro apresenta uma seleção cuidadosa de textos que abordam temas como a vida espiritual, a moralidade e a relação entre o homem e Deus. Segue-se a lista de títulos selecionados para serem trabalhados em sala de aula.





@expo\_vidasmanuscritas



BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB



Vidas à Sorte

Aves e Penas

Rolo de Vidas



Vidas Manuscritas



Chefe das Coleções Especiais  
da BCE Jefferson Higino



# Visas Manuscritas

## Abertura oficial da Exposição



Curador Matheus Furtado



Professora Filomena Coelho



**CONTE A SUA HISTÓRIA**  
na Galeria da BCE




**EXPOSIÇÃO**

**Visas Danuscritas**

De 10 de outubro até 14 de novembro

9h às 17h





**OBRAS RARAS BCE-UNB**











Oficina de gravura  
por @expo\_vidasmanuscritas



# Ficha Técnica

## **Vidas Manuscritas: os pergaminhos medievais da UnB em exposição**

Projeto de Extensão da Universidade de Brasília (UnB)

### **Coordenação geral**

Dra. Maria Filomena Coelho PPGHIS - HIS/UnB

### **Coordenação adjunta**

Dra. Rozana Reigota Naves - LIP/UnB

### **Responsáveis Coleções Especiais/Seção de Obras Raras (BCE-UnB)**

Jefferson Higino Dantas

Dr. Raphael Greenhalgh

Ms. Néria Lourenço

### **Curadoria e idealização**

Ms. Matheus Silveira Furtado

### **Coordenação de Programa Educativo**

Dariane Resende

### **Design gráfico**

Isabela Lima Alves

### **Projeto expográfico**

Gracy Lima de Oliveira

### **Produção**

Filigrana - Museologia

### **Montagem**

Marcelo Capella

### **Apoio**

Instituto de Ciências Humanas (ICH/UnB)

Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS/UnB).

### **Mediação**

Beatriz Gaspar, Daniel Fonseca, Elmiza Pires, Gabriel Trajano, Gabriel Santos, Giovanna Duran Santos, Giovanna Feitosa, Helena Camelo, Henrique Lima Vaz, João Fellipe da Silva, Júlia Caldas, Karina Nicolau, Kamilla do Carmo, Lara Beatriz Martins, Lucas Cavalcante, Luana Magalhães, Luc Uchôa, Maria Eduarda Itacaramby, Oliver Figueredo, Sofia De Brot, Sophia Gomes, Sammya Rodrigues, Tainara Martins, Valentina Andrade, Yasmin Tavares.



